



Ser mulher e ser feirante no território-lugar chamado feira

Being a woman and being a marketer in the territory-place called the fair

Patricia Quirino Rocha¹; Maria Augusta Mundim Vargas²

⁽¹⁾ Estudante; Universidade Federal de Sergipe UFS; São Cristóvão, Sergipe; patricia.rocha.geo@gmail.com;

⁽²⁾ Professora; Universidade Federal de Sergipe UFS; São Cristóvão, Sergipe; guta98@hotmail.com.br.

Todo o conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

Recebido em: 12 de novembro de 2019; Aceito em: 05 de janeiro de 2020; publicado em 10 de 01 de 2020. Copyright© Autor, 2020.

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo compreender as territorialidades das mulheres que “botam banca” na feira do município de Euclides da Cunha, sertão baiano. Para isso, construímos nossas referências pela fenomenologia de forma a observar as vivências, as práticas e os saberes das mulheres como feirantes, utilizando como instrumentos da pesquisa, diário de campo e entrevistas concomitante ao aprofundamento de um levantamento e revisão bibliográfica. Foi possível conhecer as trajetórias das feirantes e suas territorialidades, pelas quais identificamos similitudes e diferenças que caracterizam suas práticas. Dentre elas, destacamos os laços de sociabilidade que se desenvolvem com os demais feirantes e com os fregueses, reveladores de que as formas de ser e estar na feira vão além das relações de compra e venda.

PALAVRAS-CHAVE: Territorialidade. Práticas. Saberes. Gênero.

ABSTRACT: This article aims to understand the territorialities of women who “put tent” at the fair of the municipality of Euclides da Cunha, backwoods of Bahia. For this, we build our references by phenomenology in order to observe the experiences, practices and knowledge of women as marketers, using as research tools, field diary and interviews concomitant to deepen a research and literature review. It was possible to know the trajectories of the marketers and their territorialities, by which we identified similarities and differences that characterize their practices. Among them, we highlight the bonds of sociability that develop with the other marketers and customers, revealing that the ways of being and being at the fair go beyond buying and selling relationships.

KEYWORDS: Territoriality. Practices. Knowledge. Gender.

INTRODUÇÃO

Nosso objetivo é compreender as territorialidades das mulheres feirantes na feira do município de Euclides da Cunha, sertão baiano. Essa feira possui importância na economia local, seja pela característica de movimentar o dinheiro “vivo”¹, seja pela centralidade que se constitui no dia da sua realização, aos sábados. Com efeito, há na cidade uma maior movimentação no comércio de alimentos, de vestuários, de calçados, de material de construção civil, e nos serviços de advocacia àqueles de saúde. Essa intensificação no comércio e na prestação de serviços ocorre deve-se primordialmente pelo afluxo da população de municípios vizinhos e da área rural de Euclides da Cunha.

Sobre as feiras, João Tedesco (2013) afirma que as relações nela estabelecidas vão além das vendas, chamando atenção para as trocas “imateriais”, ou seja, de saberes que vão desde as práticas na comercialização às relações de amizade e as trocas de receitas, por exemplo. Nessa trilha, buscamos investigar sobretudo os elementos invisíveis. Também consideramos que para fazer pesquisa seja imprescindível caminhar munidos da nitidez teórica e metodológica para que possamos compreender o mundo vivido do outro, uma vez que são as relações no todo espacial que justificam as reflexões teóricas.

Embora tenhamos constatado que as mulheres estão na feira comercializando há muitos anos, esse “estar” quase não é notado nas pesquisas acadêmicas e, dessa forma, trazer a mulher como sujeito da pesquisa é um mecanismo de superação dessa invisibilidade histórica a qual permeia a forma de ser e estar das mulheres feirantes. Kuhn (2010, p.1) afirma que “Escrever uma história das mulheres em muitos aspectos implica falar em ‘invisibilidade.’” No contexto das mulheres feirantes de Euclides da Cunha, investigar suas geograficidades, no sentido de suas relações materiais e imateriais com o ‘mundo da feira’, também se encontra no âmbito das (in)visibilidades.

É sobre a necessidade de olhar para além do que se vê (ALMEIDA, 2018) que essa pesquisa se sustenta, para compreender as territorialidades produzidas pelas mulheres feirantes que se diferenciam daquelas produzidas pelos homens feirantes. Esse anseio pelo desvelar das imaterialidades que envolve o ser mulher e ser feirante é, pois também fruto de um posicionamento político, corroborando com a afirmativa de Silva Silva (2005, p.34) “[...] o estudo da mulher foi uma decisão política e uma estratégia de tornar seu trabalho visível no corpo da pesquisa geográfica.”

¹Dinheiro em espécie (papel e moeda), característica dessa como das demais feiras.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Nosso posicionamento, não apenas teórico-metodológico, mas também de visão de mundo está imbricado na fenomenologia existencial de Merleau-Ponty, sobretudo nas formas de ser pontuadas por ele: “ser para si” e “ser no mundo”, pelas quais buscamos apreender as individualidades das feirantes e compreender como estas constroem a coletividade de “ser mulher” e de “ser feirante”.

Os instrumentos metodológicos que usamos para alcançar nosso objetivo foram o diário de campo e entrevistas concomitante ao aprofundamento de um levantamento e revisão bibliográfica responsáveis por fazer a conexão entre teoria e prática a qual consideramos indissociável (NETO, 2001). O diário de campo para registrar nossas observações na e da feira, das mulheres, dos seus produtos e também dos diálogos entre as feirantes e delas com seus fregueses (VENÂNCIO; PESSÔA, 2009) e as entrevistas imprescindíveis para compreendermos, pelas falas das mulheres, suas vivências (LIMA, 2016).

A percepção pelos sentidos corporais guiaram nossa forma de ver nosso objeto/sujeitos de pesquisa, pois para Tuan (1983) os sentidos são responsáveis pela nossa forma de perceber o outro, pois é a forma pela qual nosso corpo relaciona-se com o exterior. O corpo é o maior instrumento de percepção e conhecimento do mundo vivido do outro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A abordagem de gênero na geografia é recente, pois eram os homens que produziam esse conhecimento e para eles a problemática era irrelevante e pouco associada às questões espaciais. A esse respeito acordamos com Villagrán, ao expor que,

Existe acuerdo en que las geografías de género se fueron urdiendo como campo de investigación de la geografías humanas desde finales de los años setenta. Todo ello ocurrió cuando las geografías anglosajonas fueran estimuladas por los flertes movimientos sociales a favor de la igualdad de las mujeres, lo que impulsó la constitución de un campo del conocimiento vinculado con lo femenino. (VILLAGRÁN, 2010, p. 218).

Para construir esse 'outro' campo de atuação/reflexão geográfico, o cerne da discussão é considerar as especificidades e multiplicidades dos sujeitos, ou seja, que a realidade investigada é heterogênea e plural. Posto isso, pode-se afirmar que mulheres e homens estão no espaço de forma diferente e que observar, compreender e refletir sobre territorialidades, as relações de tofília e topofobia das mulheres feirantes, constitui campo fértil de investigação dentre as geografias humanas.

Enxergamos a feira sob a ótica das categorias geográficas lugar e território delineados pelas relações de afetividade e de socialidades exercidas por seus frequentadores, reveladora de relações de tofília com o lugar (TUAN, 1980). É importante frisar que uma categoria não está em posição oposta a outra, pois "[...] a base do território vivido é o lugar" (DE PAULA, 2011, p. 120).

A feira é um ponto de confluência das redes que são tecidas sobre seu território, as redes que investigamos na pesquisa foram as dos produtos e a das feirantes que se cruzam e interligam neste território. Adentrar o universo das feirantes e conhecê-las revelou que elas 'aprenderam' a ser feirantes com seus familiares e que a permanência na feira se dá pela necessidade de trabalhar e pelo sentido em ser ou/e estar feirante. Elas possuem entre 15 a 81 anos; a maioria cursou apenas o ensino fundamental, são casadas e mães. Quanto a localidade das residências variam entre zona urbana e a rural do município de Euclides da Cunha/ e de circunvizinhos.

Dardel (2015) deu importantes contribuições à geografia humana quando pontua que cada pessoa possui uma geograficidade construída dialeticamente pelo meio no qual está inserida. Para ele lugar e território produzem modos geográficos de existência, pois uma "relação vivida dos homens com lugares determinados faz verdadeiramente deles, no sentido rigoroso, 'gente do lugar' [...]" (p.50).

Para refletir sobre o território e as territorialidades Raffestin (1993) foi fundamental, para o entendimento de que a principal característica do território são as relações de poder; Haesbaert para apreender as construções simbólicas e concretas (2004, p. 01) e, Serpa (2017), pela exposição de que "[...] o poder (ou sua ausência) é um fenômeno vivido e que o vivido também manifesta as relações de poder" (p. 588). O que nos revela a relação entre lugar e território.

Entendemos pois, a feira como um território permeado por redes em que as vivências que "lugarificam" a feira, que ao mesmo tempo é território e é lugar, diferenciando-se pelas formas de ser-no-mundo, como notamos na fala da feirante

Isidora ao ser questionada do significado de ser feirante:² *“Eu acho bom, acostumei. Uma feira que eu não venho, ave maria fico doidinha.”* (ISIDORA, 62 ANOS)

A sociabilidade construída na feira é uma forma de criar laços de afetividade revelada pela observação de seus cotidianos: *Comecei lá na outra feira, lá sentada nas calçadas debaixo dos pau mais dona Maria. É de lá que nós somos amigas e tamo aqui até hoje. Oxe quando uma não vem sente falta da outra.* (Maria do Carmo, 63 anos).

As territorialidades que perpassam o ser feirante estão no tempo-espço da feira marcadas por saberes e práticas que advêm das práticas familiares. Como colocado Almeida (2008, p. 316), buscamos “[...] nos discursos, nas práticas espaciais, nas representações dos homens, suas racionalidades e sentimentos de pertencimento, as coerências e contradições para conhecimento do lugar, das regiões e dos territórios.” A feirante que comercializa objetos de barros e, conseqüentemente o seu saber fazer, coloca que:

Quem ensinou nós a fazer [as louças de barro] foi minha vó que passou pra minha mãe, morreu aí ficou nois. Aí agora eu ensinei, aí elas [as filhas] tudo tão fazendo. Aí minha mãe morreu, aí deixou eu fazendo. Só foi o que eu dei pra meus filhos. A minha mãe morreu, mas deixou o que nois fazer (Maria de Lurdes (67 anos).

E, assim, as relações estabelecidas na feira pelas mulheres feirantes tecem um território-lugar de sentidos e significados que vão além do objetivo de venda e troca de mercadorias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À medida que conhecemos as histórias de vida dessas mulheres foi possível construir uma reflexão sobre individualidade e coletividade no território-lugar da feira e do ser feirante. Entendemos assim, as formas de ser no mundo pontuadas por Merleau-Ponty (2011) que são o “ser para si” e o “ser para o outro” as quais estão intrinsecamente ligadas à geofricidade de cada mulher feirante.

²As falas das feirantes estão em itálico para diferenciá-las das demais, optamos em transcrevê-las mantendo a linguagem das feirantes, por entender que dessa forma estamos respeitando e valorizando a diversidade linguística e cultural do sertão construído por elas (WHITAKER, 1995). As entrevistas possuem autorização para publicação mediante termo de consentimento assinado pelas feirantes citadas.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a FAPITEC (Fundação de Apoio à Pesquisa e a Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe) pelo apoio e incentivo financeiro.

REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA, Maria Geralda de. A propósito do invisível, do intangível e do discurso da geografia cultural. In: ALMEIDA, Maria Geralda de. **Geografia cultural - um modo de ver**. Goiânia: Gráfica UFG, 2018, p. 17-34.
2. ALMEIDA, M.G. de. “Etnogeografia do Brasil sertanejo”. In: SERPA, Angelo (org.). **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações** [online] Salvador: Edufs, 2008, p. 313-336.
3. DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
4. DE PAULA, Fernanda Cristina. Sobre a dimensão vivida do território: tendências e a contribuição da fenomenologia. **GeoTextos**, vol. 7, n. 1, jul. 2011, p. 105-126.
5. HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à desenvolvimento**. Porto Alegre, 2004. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>>. Acessado em: 27/08/2019.
6. KUHN, Elisa de Oliveira. Apareceu a margarida? História e representações sociais de mulheres camponesas no MS: um estudo sobre gênero e trabalho (1986 a 1994). **Fazendo Gênero 9 - Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**, 2010.
7. LIMA, Márcia. O uso da entrevista na pesquisa empírica. In: **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo**. São Paulo: Sesc São Paulo/CEBRAP, 2016, p. 24 -41.
8. MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 4ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
9. NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p.51-67.
10. SERPA, Angelo. Ser lugar e ser território como experiências do ser-no-mundo: um exercício de existencialismo geográfico. **Geosp – Espaço e Tempo** (Online), v. 21, n. 2, p. 586-600, 11. agosto. 2017. ISSN 2179-0892.
12. SILVA, Joseli Maria. Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica. **Revista de História Regional**. v.8, n.1, p. 31-45, Verão 2003 (publicado em 2005)

13. TEDESCO, João Carlos. “Economia de circuitos curtos, da qualidade e dos territórios étnicos:
14. uma análise da dinâmica produtiva e mercantil na Rota das Salamarias – Norte e Noroeste do RS”. **Revista Extensão Rural**. Santa Maria: UFSM, v. 21, n. 3, set./dez. 2013.
15. TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.
16. TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.
17. VENÂNCIO, Marcelo; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. O diário de campo e a construção da pesquisa: registro das emoções dos sujeitos envolvidos e a reconstrução de suas histórias de vida e do lugar. In: RAMIRES, Julio Cesar de Lima; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar (org.). **Geografia e pesquisa qualitativa**: nas trilhas da investigação. Uberlândia: Assis, 2009, p. 317-337.
18. VILLAGRÁN, Paula Soto. Los giros de las geografías de género: re-pensando las diferencias. In: LINDÓN, A; HIERNAUX, D. (Org.) **Los Giros de la Geografía Humana**: Desafíos y horizontes. México: Anthopos, 2010. p. 217-240.
19. WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta; DANTAS, Alexandre; ANDRADE, Eliana A; FIAMENGUE, Elis Cristina; ARAÚJO, Roseane A; MACHADO, Vitor. A transcrição da fala do homem rural: fidelidade ou caricatura? Araquara/SP: **Cadernos de Campo**, n. 2, 1995.